

DO ISSO AO AQUILO, DO TEXTO AO DISCURSO, DA DÊIXIS AO IMAGINÁRIO

Evandro Oliveira Monteiro¹ (UFRGS)

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar uma análise discursiva de quatro textos que são interligados por dois temas: os jogos olímpicos de 2016 e as manifestações populares brasileiras em 2013. A pesquisa segue a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, a partir da qual são considerados aspectos históricos (condições de produção) e linguísticos (pistas), com atenção para o funcionamento semântico da dêixis, a construção de um leitor imaginário, a heterogeneidade do discurso, além da relação entre o estereótipo e o clichê.

Palavras-chave: análise do discurso; dêixis; imaginário; estereótipo.

Abstract: The objective of this paper is to present a discursive analysis of four texts that are interrelated by two topics: the 2016 Olympic Games and the Brazilian popular demonstrations in 2013. This study follows the French discourse analysis perspective and, based on this, considers historical aspects (production conditions) and linguistic aspects (clues). It gives attention to the semantic functioning of deixis, the construction of an imaginary reader, the heterogeneity in the discourse and also the relation between stereotype and cliché within the discourse.

Keywords: discourse analysis; deixis; imaginary; stereotype.

1. Aluno do curso de Bacharelado em Letras e bolsista do programa de Iniciação Científica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (BIC-UFRGS). Esta pesquisa faz parte do projeto “Autoria e interpretação de objetos discursivos”, sob orientação da Profa. Dra. Solange Mittmann.

Introdução

O ano de 2013 foi marcado por diversas manifestações por todo o país. Centenas de pessoas, em sua maioria jovens, foram às ruas para protestar contra o alto preço e a baixa qualidade do transporte público no Brasil, repudiar os escândalos de corrupção e pedir melhorias na saúde e na educação pública. Dentre os principais discursos dos protestantes está o de que, apesar de o Brasil estar com muitos problemas básicos nos serviços públicos, o governo estaria gastando milhões de reais na organização de dois eventos esportivos mundiais: a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Tais manifestações repercutiram, positiva ou negativamente, por todo o mundo. Na quarta-feira, dia 24 de julho de 2013, o jornal norte-americano *Chicago Sun-Times* estampou em sua capa uma foto de um momento dos protestos na cidade do Rio de Janeiro. A foto exibe uma rua com algumas pessoas correndo, um homem mascarado e, atrás dele, chamas de fogo. Na frente dessa imagem, o enunciado, em letras grandes, “*We lost to this?*” (*Nós perdemos para isso?*²) e, logo abaixo, em letras menores, “*With riots and fire sweeping the streets of Rio, Neil Steinberg asks the International Olympic Committee how Chicago looks now*” (*Com desordens e incêndios devastando as ruas do Rio, Neil Steinberg questiona o Comitê Olímpico Internacional sobre como Chicago está agora.*).

A chamada se reporta a um texto do colunista Neil Steinberg, em que ele simula uma carta destinada ao Comitê Olímpico Internacional questionando se a organização já estaria arrependida por ter escolhido o Rio como sede das Olimpíadas de 2016. A pergunta de Steinberg se deve ao fato de que o Rio concorria com Chicago (além de Tóquio e Madri) na

2. Todos os trechos do *corpus* em língua estrangeira serão seguidos de tradução nossa entre parênteses.

disputa para receber o evento mundial. Aos olhos do jornalista, o Rio não seria uma cidade preparada para ter ganhado o título de sede – o que nos faz entender a pergunta na capa do jornal.

Temos por objetivo com esse trabalho analisar o enunciado título da capa do jornal, assim como o texto a que ele remete – a carta de Steinberg –, além da sua repercussão através de um pronunciamento do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, e, ainda, a resposta de Steinberg a Paes. Desse conjunto de textos, recortamos seis sequências discursivas (SDs) e efetuamos as análises seguindo a perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa³, que, de acordo com Mittmann (1997, p. 119), considera que “o linguístico e o histórico andam juntos, pois juntos constituem o discurso”.

Nós perdemos para isso? – a questão inicial

Começamos analisando o enunciado da capa do jornal *Chicago Sun-Times* de 24 de julho de 2013:

SD1: *We lost to this? (Nós perdemos para isso?)*.

O pronome demonstrativo, nesse enunciado, pode desencadear diferentes efeitos de sentido. Segundo Hanauer (1999, p. 139), a Análise do discurso procura mostrar que o sentido não é algo que se encontra intrínseco às palavras: “As palavras não significam por si só, não há um sentido prévio, universal. Elas somente adquirem sentido quando são mobilizadas pelos falantes”. Por isso, “é preciso considerar conjuntamente as condições de produção e a materialidade linguística.” (MITTMANN, 1999, p. 271).

3. Para nos ajudar a refletir sobre algumas questões, trazemos também autores de outras perspectivas teóricas.

Consideramos que a produção do texto foi em 2013, ano em que, na visão do jornalista, o “caos” tomou conta do país. E, ainda, que foi produzido por alguém que, além de ter “perdido a partida” – para usar a mesma metáfora esportiva do jornalista em sua coluna – é um sujeito “exterior” ao acontecimento, que assumiu não estar inteirado sobre os reais motivos do “caos”: “*While I didn’t get into the intense politics of the protests*” (“*Enquanto eu não me inteiro da intensa política dos protestos*”). Nesse contexto, o pronome presente no enunciado da capa pode não apenas funcionar como um efeito de dêitico, mas também como um efeito de sentido pejorativo, pois, conforme veremos a seguir, a carta de Steinberg aponta para o efeito de sentido de uma cidade tomada pelo caos, o que é reforçado pela imagem ao fundo do enunciado de capa.

Dear International Olympic Committee: as vozes no texto

O texto de Steinberg é carregado de ironia, o jornalista parece sempre estar falando uma coisa para significar outra. A forma do texto em si mesma já se apresenta um tanto quanto irônica, pois é uma simulação de uma carta dentro de um jornal. Esse tipo de texto híbrido é abordado por Steinberger (2005, p. 74): “Os fenômenos de empréstimo discursivo e hibridação discursiva tornaram-se marca da pós-modernidade.”

O colunista parece se aproximar, ter uma conversa “entre amigos”, dar um efeito de intimidade, igualdade – ou até mesmo se pôr à altura da organização – ao optar por essa hibridação discursiva de um artigo em formato de carta. Durante o texto, ele mantém sua postura jornalística, porém, como já dito anteriormente, sempre com um tom irônico:

SD 2: *Sorry yet? Because you could have had Chicago. Which isn’t a city without problems.[...] And I’m sure, had we gotten the 2016 Olympics, as we should have, there would*

have been grumbling aplenty about hosting a big quadrennial party for the world's athletic elites in the midst of all our concerns. But I bet we could have done it without firebombs. Without the military breaking out the tear gas and the rubber bullets. I bet out population wouldn't rise up against the Olympics, the way they're doing in Brazil. *(Arrependido já? Porque você poderia ter tido Chicago. Que não é uma cidade sem problemas. [...]E eu tenho certeza, se tivéssemos conseguido as Olimpíadas de 2016, como deveríamos ter conseguido, haveria queixas por sermos anfitriões da grande festa quadrienal das elites atléticas do mundo, em meio a todos os nossos problemas. Mas eu aposto que nós poderíamos ter feito isso sem bombas. Sem os militares atirando gás lacrimogêneo e balas de borracha. Eu aposto que nossa população não iria se levantar contra os Jogos Olímpicos, como eles estão fazendo no Brasil – Destaques nossos).*

Com a leitura do trecho acima, é possível entender que, para Steinberg, não importa se os cidadãos estão descontentes em receber os jogos, pois em Chicago muitos ficariam também, o que importa é a maneira como a população reage e se comporta em relação a isso, já que, na perspectiva do autor, o povo de Chicago, ao contrário dos brasileiros, não se levantaria contra os jogos, não protestaria e não deixaria seus problemas internos afetarem a festa olímpica, a população permaneceria em sua posição desenvolvida e educada. Além disso, o uso do operador argumentativo em “Arrependido já?” acaba por ter como função direcionar para a conclusão de que mais cedo ou mais tarde o Comitê iria se arrepender. *Já* (agora) ou depois.

SD 3: No hard feelings, IOC.[...] Most Chicagoans, rather than yearn toward our lost Olympics, are glad. *We got off light, and now can get to sit back and watch Brazil try to manage the task, which might be more fun than hosting would have been.* You can't say you didn't have your chance. And you blew it. *You could have had gold, but settled for bronze.* (Sem ressentimentos, COI (Comitê Olímpico Internacional)).[...] A maioria dos moradores de Chicago, ao invés de ansiar por nossos Jogos Olímpicos perdidos, está contente. *Nós desligamos as luzes e agora podemos sentar de volta e assistir ao Brasil tentar conduzir a tarefa, o que pode ser mais divertido do que poderia ter sido sediar propriamente.* Você não pode dizer que não teve a sua chance. E você desperdiçou. *Você poderia ter tido ouro, mas decidiu pelo bronze – Destaque nossos).*

Há a presença constante de duas vozes no texto. A voz que fala o evidente e, nas palavras de Orlandi (2009), o inteligível, e a segunda voz, que precisa ser interpretada, que está implícita, que é a voz com que o jornalista se identifica. É a voz que está presente pela ausência. Como podemos ver acima, o trecho é carregado de ironia: “...agora podemos sentar de volta e assistir ao Brasil *tentar* conduzir a tarefa, o que *pode ser mais divertido* do que poderia ter sido sediar propriamente.” Novamente o Brasil está sendo tratado como incapaz de dar conta de sediar o evento esportivo. Nas palavras do norte-americano, o país vai tentar, mas se vai conseguir – o que, na visão dele, parece ser bem difícil – ninguém sabe. Mas ele avalia que vai ser engraçado ver o país latino trabalhando para tentar chegar à altura do que Chicago poderia ter feito.

Podemos observar também uma visão de superioridade estadunidense – baseada em tradicionais e antigos já ditos – no momento em que ele escreve “Você poderia ter tido ouro, mas decidiu pelo bronze.” Ou

seja, o Comitê Olímpico em vez de escolher Chicago (o ouro), escolheu o Brasil (o bronze). Mais uma vez, é o não-dito dizendo: eles não são tão ruins (afinal, tradicionalmente, o bronze serve de premiação para o terceiro lugar em alguma competição), mas existem melhores. O melhor era o ouro. Nós éramos os melhores. O melhor era Chicago.

Leitor Imaginário

Um fato curioso é que, durante toda a carta, o jornalista usa a primeira pessoa do plural para falar de Chicago. Em oito dos nove parágrafos do texto, Steinberg se apresenta como a voz de Chicago. O norte-americano se mostra como quem compartilha a ideia da população da cidade e vice-versa.

Ao escrever a carta, Steinberg se dirige a dois leitores: 1. o comitê; 2. o que é capaz de “ler nas entrelinhas” e compartilhar sua opinião em relação aos acontecimentos e ao Brasil. Trata-se do que Orlandi (1993, p. 9) chama de *leitor virtual*, ou ainda, nas palavras de Borba (2010, p. 108): “*leitor imaginário* – aquele para o qual o produtor do discurso imagina dirigir seu texto, mas que não corresponde, necessariamente, ao leitor real.” Voltando às palavras de Orlandi (1993, p. 9): “Um leitor constituído no próprio ato de escrita”. Ou seja, o colunista antecipa o que o leitor pode vir a ler.

Ao escrever imaginando seus leitores possíveis, Steinberg constrói o texto trazendo vozes com as quais o leitor pode se reconhecer. Ao proferir, por exemplo, “agora podemos sentar de volta e assistir o Brasil *tentar* conduzir a tarefa, o que *pode ser mais divertido* do que poderia ter sido sediar propriamente”, ele traz, implicitamente, uma voz que afirma que o Brasil é incapaz de realizar tal feito. Ao contar com esse imaginário prévio sobre o Brasil, Steinberg constrói um leitor imaginário que possa entender e identificar-se com a mesma posição expressa no texto. E

essa identificação (autor-leitor) se dá a partir de um *assujeitamento*: traço ideológico, que é a forma como aprendemos a ver o mundo e, a partir disso, julgar como as coisas são ou devem ser.

Aquilo... é um horror: a resposta de Eduardo Paes

Na sexta-feira, 26 de julho, dois dias depois de a carta de Steinberg ter sido publicada em sua coluna no *Chicago Sun-Times*, o então prefeito da futura cidade sede do evento olímpico, Eduardo Paes, se pronunciou sobre o assunto em uma entrevista concedida à rádio CBN - RJ. De uma forma bem menos articulada e bem mais direta que o colunista, Paes rebate:

SD 4: “Babem de inveja, somos muito melhores do que vocês! O Rio não é o paraíso e não é a mais perfeita do mundo. [...] Não vamos transformar tudo o que a gente faz nesse complexo de vira-latas, achar que tudo é uma desgraça. [...] Não dá para ficar o tempo todo pensando “somos os piores”. [...] Chicago está morrendo de inveja da gente. *Aquilo* é uma cidade, perto da nossa, que é um horror, fria, cheia de conflitos raciais, guetos, onde os pretos e brancos não se misturam. Chicago perdeu porque é pior que o Rio. Com todo respeito a Chicago, perdeu para o Rio porque o Rio é melhor. [...] Temos problemas, não vamos resolver todos, não vamos deixar tudo resolvido do dia para a noite, mas não vamos transformar nossa cidade num inferno na terra.” (Destaques nossos).

O prefeito não mantém o tom irônico usado pelo norte-americano, muito pelo contrário, o brasileiro é muito mais direto. Porém, há um aspecto em comum: o prefeito da capital carioca “dá o troco” na mesma moeda,

pois, para se referir a Chicago, usa também um pronome demonstrativo: *aquilo* (“Aquila é uma cidade, perto da nossa, que é um horror, fria, cheia de conflitos raciais, guetos, onde os pretos e brancos não se misturam.”).

Outro aspecto relevante no texto de Paes é o excesso de uso de “*nãos*”. No trecho analisado, contamos nove vezes a presença da palavra. E a respeito da negação em discurso, concordamos com Mittmann, que afirma:

A heterogeneidade é constitutiva do discurso. E muitas vezes a heterogeneidade pode ser mostrada através de marcas linguísticas, como por exemplo, no caso da negação. A negação do discurso do outro apresenta, segundo Indurky, duas características: a marca da negação é explícita e o discurso do outro é implícito, já que não pode ser dito na FD do sujeito que enuncia. Assim, o discurso do outro é negado, é transformado em não-dito, para ser incorporado, constitutivo do discurso. (MITTMANN, 1999, p. 273).

Podemos afirmar que a heterogeneidade é a presença do outro, é o atravessamento de outros discursos em um discurso. Assim, marcas linguísticas (como no caso a negação) “pertencem à organização interna do discurso, funcionando como pistas para a relação do discurso com a exterioridade, com as condições de produção.” (MITTMANN, 1999, p. 273).

Ou seja, Paes recorre ao uso de negação para contestar o que foi dito pelo jornalista de Chicago, para tentar defender o Rio. O discurso do prefeito é heterogêneo, possui implicitamente em sua elaboração o discurso do colunista.

Isso X Aquilo

No âmbito da Análise do Discurso, a análise de um texto não é somente linguística, mas também discursiva. Nessa perspectiva, vamos analisar agora os coincidentes – ou não – usos dos pronomes demonstrativos (*isso* e *aquilo*) nos discursos de Neil Steinberg e Eduardo Paes.

Esses pronomes funcionam como dêiticos, são indicadores da *dêixis*, palavra que tem origem greco-latina e significa *apontar* ou *indicar*. Tal significado levado ao pé da letra ganha grande parte da atenção nas gramáticas normativas, que, ao definirem dêiticos, os descrevem como mecanismos para “apontar” dentro ou fora do texto, sem levar em conta a questão semântica.

Os dêiticos são, claro, os “guias” dentro de um texto, isso é, localizam, orientam e organizam nas questões de pessoa, espaço e tempo. Porém não podemos esquecer da relação que eles têm com a instância do discurso, com o contexto e com o sentido, pois não são simples “mecanismos vazios”. Para ilustrar, trazemos Cunha e Cintra, que, no capítulo em que abordam os pronomes demonstrativos dêiticos, em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, fazem alguns apontamentos dando atenção ao uso e ao sentido:

Os demonstrativos reúnem o sentido de atualização ao de determinação. São verdadeiros “gestos verbais”, acompanhados em geral de entoação particular e, não raro, de gestos físicos. A capacidade de fazerem aproximar ou destacar no espaço e no tempo as pessoas e as coisas a que se referem permite a estes pronomes expressarem variados matizes afetivos, em especial os irônicos. (CUNHA e CINTRA, 1985, p. 327).

De acordo com os autores, os pronomes demonstrativos podem expressar: surpresa, espanto, admiração, indignação, pena, consideração, ironia e sarcasmo. “Digno de nota é o acentuado valor irônico, por vezes fortemente depreciativo, dos neutros *isto*, *isso* e *aquilo*” (CUNHA e CINTRA, 1985, p. 329 - Destaques nossos).

Voltando à perspectiva discursiva, notamos que nos nossos textos de análise, primeiramente na capa do jornal, o dêitico *isso*, nesse contexto, aponta para a imagem da capa e aponta, também, para o Rio de Janeiro e para o Brasil. Mas vai além, pois ele determina o sentido em certa direção a partir de um posicionamento do autor sobre as Olimpíadas e sobre o Brasil. O mesmo acontece com *aquilo* no pronunciamento de Eduardo Paes, que não só aponta para Chicago, mas também direciona o sentido.

Ambos os dêiticos, nesses discursos, inscritos em tal período da história, em tais condições de produção, recebem um efeito de sentido pejorativo: *isso* (um país que vive o caos com as manifestações e não está preparado para sediar o evento mundial), *aquilo* (uma cidade que também é cheia de problemas e não é melhor que a nossa, ao contrário, perdeu porque é pior do que a nossa).

Chicago is ‘totally jealous ... a horror’: um espaço de possibilidades

No mesmo dia do pronunciamento de Eduardo Paes, 26 de julho, o jornalista Neil Steinberg publicou mais um texto em sua coluna comentando as palavras do líder político do Rio de Janeiro. Na resposta a Paes, Steinberg utiliza o pronunciamento do brasileiro para compor o título de seu texto, como discurso direto.

Ao sintetizar a frase do político brasileiro “Chicago está morrendo de inveja da gente. *Aquilo* é uma cidade, perto da nossa, que é um horror, fria, cheia de conflitos raciais, guetos, onde os pretos e brancos não se

misturam” na forma “Chicago está ‘totalmente enciumada ...um horror’”, o colunista de Chicago, sem deixar de empregar diretamente o discurso do prefeito, recorta só o que lhe é conveniente. O jornalista ignora o pronome demonstrativo (dêitico) “aquilo” presente no discurso do prefeito da capital fluminense. O norte-americano parece tentar fechar o “vão” disponível para interpretações provocado por “aquilo”.

Como veremos no trecho a seguir (SD 5), Neil Steinberg deixa Chicago “à mercê” de um grupo delimitado de interpretações ao utilizar “relativamente tranquila” para se referir à cidade, pois as interpretações são livres, porém dentro de “tranquila”. Muito ou pouco, Chicago é tranquila, já o Rio é conflituoso e ponto.

As metáforas, tão presentes no primeiro texto do norte-americano, não o abandonam nesse último. As figuras de linguagem de cunho esportivo – que podem ressoar disputa, competitividade, rivalidade, vencedores, perdedores etc. – parecem ser as favoritas do jornalista desde o primeiro parágrafo, em que ele começa citando jogos de *rugby* e rituais culturais envolvidos com os mesmos.

SD 5: “If you are a rugby fan, you’re probably familiar with the New Zealand All Blacks, a squad famous for its “Haka,” a taunting pre-game ritual they perform to intimidate opponents. It’s a Maori *warrior dance*, origins lost in antiquity, where they beat their chests and slap their thighs while shouting about their masculinity and fierceness. I thought of that, reading Rio de Janeiro mayor Eduardo Paes’ remarks, spoken to Radio CBN RJ in Rio Friday, in reaction to my Wednesday column chiding the International Olympic Committee for picking *strife-torn* Rio over *relatively placid* Chicago for the 2016 Olympic Games. (Se você é um fã de *rugby*, está provavelmente familiarizado com os New Zealand All Blacks, uma equipe famosa por seu “Haka”, um

ritual de provocação pré-jogo que eles performam para intimidar os oponentes. É uma *dança de guerreiros* do Maori [povo nativo da Nova Zelândia], com origens perdidas na antiguidade, em que eles batem no peito e batem suas coxas enquanto gritam sobre sua masculinidade e ferocidade. Eu pensei nisso, lendo o comentário do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, para a Radio CBN do Rio de Janeiro na sexta-feira, em reação à minha coluna de quarta-feira reprechendo o Comitê Olímpico Internacional por escolher o *conflituoso* Rio e não a *relativamente tranquila* Chicago para os Jogos Olímpicos de 2016. – Destaques nossos).

Esse segundo texto de Steinberg, mais do que o primeiro, é fortemente carregado de visões estereotipadas – visões que engessam uma cultura, como veremos adiante.

Encaminhando-se para o fim de seu texto, o jornalista dispara:

SD 6: As soon as *hordes* of sincere, argumentative, unpleasant folk start raising their voices in sincere chorus, it's time for me to unlace my gloves and leave the ring. (Logo que as *hordas* de uma população franca, controversa e desgostosa, começarem a erguer suas vozes em coro, é a hora para eu desamarrar minhas luvas e deixar o ringue. – Destaques nossos).

A escolha da palavra “horda”, nesse trecho, para se referir a uma parcela descontente da população, chama a atenção, pois a palavra tem originalmente o sentido de “tribo de nômades”, mas pode apontar para efeitos de sentido como de “bando de indisciplinados”, “desordem”, “baderneiros” etc.

O estereótipo e o clichê nos discursos

No decorrer das análises, notamos a presença constante de certos imaginários sobre as duas cidades abordadas e suas populações, o que nos levou a refletir sobre o imaginário e o clichê.

O estereótipo e o clichê fazem parte do pré-construído – conhecimentos que se apoiam em ideias, valores e crenças, sobre os quais se assentam os enunciados, conforme Lysardo-Dias (2007, p. 27). Ou seja, é um elemento anterior ao discurso, que, de acordo com Amossy & Pierrot (2005, p. 113), não é discutido, e cuja origem discursiva já esquecemos. Os pré-construídos são uma constatação de evidência. Sendo assim, o estereótipo e o clichê fazem parte de imaginários e discursos prévios ao novo discurso, e são tecidos na base de saberes coletivos.

De acordo com Ferreira (1993, p. 70), os dois termos “convivem harmoniosamente no mesmo campo semântico, apresentando nítidas zonas de intersecção.”. Porém, apesar de fazerem parte da mesma ordem, estarem interligados e manterem uma relação essencial entre si, propomos aqui refletir sobre cada um separadamente.

Ainda conforme Ferreira (1993, p. 71), clichê é uma *fala* que se encontra diluída no inconsciente. Brayner (2014, p. 558) explica o clichê como uma *frase* feita, lugar-comum e ideia repisada e batida. Para o autor,

[...] pelo uso de *vocabulário ideologicamente familiar* e *frases de recepção fácil e previsível*, estabelece-se uma relação (aliás, muito pouco crítica!) de identidade entre quem produz e quem consome *frases* e ideias de digestão rápida (o clichê). [...] o clichê representa, justamente, aquilo que nos poupa de pensar, que nos impede de nos deslocarmos de nossos hábitos de pensamento. (BRAYNER., pp. 559-560 – Destaques nossos).

Baseados nas palavras de Ferreira e Brayner, propomos pensar o clichê como a repetição de formas ou estruturas (frases) prontas que induzem a ideias repetitivas. Inclusive, a origem do termo *clichê* refere-se a uma forma, uma matriz usada na tipografia; um “molde” concreto sempre repetido. Brayner refere-se ao clichê, também, como “ideias”, porém preferimos deixar esse conceito para outro campo: o estereótipo. Sugerimos, então, ver a partir daqui o clichê como algo mais concreto, diferentemente do estereótipo, como veremos a seguir.

[...] o clichê, a frase feita produzem algo que, ao procurar compensar o vácuo da experiência sisífica, nos remetem a um excesso de *familiaridade*: seu uso nos faz crer que o mundo que estamos designando corresponde de fato à sua designação [...] ele permite ao seu leitor ver algo na realidade independentemente de sua existência, digamos, *objetiva*. Faz mais do que isto: o clichê nos remete a um mundo seguro, conhecido e estável, onde as ideias fazem sentido [...] nos fornece o calor aconchegante de pertencer a uma *comunidade de sentido*. (BRAYNER., pp. 561-562 – Destaques do autor).

Através da língua, isso é, por intermédio do clichê, há uma ilusão de conhecimento total e seguro do mundo, tornando o sujeito solidamente fixo “às regras de conduta de uma sociedade dada.” (Ibid., p. 563). E é a ideologia que leva à ilusão, já que ela tem as respostas para qualquer questão colocada, conforme disserta Brayner. Segundo De Nardi (2007, p. 63), a ideologia e a cultura funcionam naturalizando sentidos, criando efeitos de evidência e verdade.

Já o estereótipo está ligado à imagem; trata-se de uma “representação coletiva cristalizada” (MILANEZ, 2013, p. 3). É a parte não-verbal do discurso repetitivo e ilusório, que condiciona o clichê.

De Nardi (Ibid., p. 68), descreve o conceito como uma

espécie de caricatura que antes engessa uma cultura do que nos permite pensá-la como um sistema poroso e dinâmico. Produz-se, pelo estereótipo, um fechamento, que longe de promover o reconhecimento da cultura, torna opaca nossa compreensão. [...] O estereótipo pode criar para o sujeito a ilusão de dominar o outro e sua verdade, porque ao simplificá-lo, ao reduzi-lo a umas poucas marcas constantes e facilmente identificáveis, forja-se a ilusão de que lhe é permitido conhecê-lo por inteiro e, portanto, dominá-lo, dizê-lo.

A respeito do estereótipo, De Nardi nos apresenta, nessa passagem, a mesma ótica de Brayner: a ilusão do conhecimento total e seguro, do dominar o outro, gerada por (e gerador de) dizeres cristalizados, os clichês.

O clichê, portanto, é onde o estereótipo ganha forma; é a materialização do estereótipo, através da língua. É através de dizeres clichês que o estereótipo se faz presente, que o imaginário se (re)constrói, se manifesta, ganha vida no discurso e causa os (repetitivos) efeitos de sentido.

Tanto o discurso de Neil Steinberg quanto o de Eduardo Paes convertem para efeitos de sentido clichês que acabam ativando uma memória estereotipada.

Quando Steinberg escreve, como vimos na SD 5, “uma dança de guerreiros [...] onde eles batem no peito e batem suas coxas enquanto gritam sobre sua masculinidade e ferocidade. Eu pensei nisso, lendo o comentário do prefeito”, ele não diz explicitamente, mas a leitura do trecho pode acionar uma memória estereotipada, baseada em discursos clichês, como a de que no Brasil todos são índios (ressoa em “guerreiros”) e primitivos/selvagens (ressoa em “batem no peito e batem suas coxas enquanto gritam sobre sua masculinidade e ferocidade”). Na SD 6, é possível perceber esse imaginário

também no momento em que o jornalista diz a palavra “horda” (que faz ressoar a imagem de selvageria) para referir-se ao povo manifestante.

Já o prefeito do Rio de Janeiro menciona Chicago como “um horror, fria, cheia de conflitos raciais, guetos, onde os pretos e brancos não se misturam”.

Apesar de os dois autores estarem em lados opostos, percebemos uma regularidade na forma de pensar, na forma como o exterior (a ideologia) está presente no texto. Tanto o discurso do norte-americano, quanto o do brasileiro apresentam a mesma forma de construção: baseada em estereótipos e clichês.

Considerações finais

A análise do corpus nos permitiu observar como a construção dos discursos é determinada pelo contexto, pelo posicionamento dos autores. Os textos seguem o trilho que a história e a ideologia impõem.

Identificamos a presença de um leitor imaginário, constituído no próprio ato de escrita e de acordo com a expectativa do autor. Observamos que o uso de metáforas é uma forma de resignificação, pois funcionam como aberturas deixadas à disposição para interpretações que vão além do texto e chegam à ideologia, contando com esse leitor previamente imaginado.

Consideramos que os pronomes dêiticos possuem papel maior do que meramente indicativo no texto, pois podem acomodar uma pluralidade de efeitos de sentido, determinados pelo contexto histórico. E vimos que, nos textos analisados, eles remetem ao pejorativo, ao irônico, ao desdenhoso.

Argumentamos que o estereótipo é um imaginário que permanece, uma ideia fixa, que intervém como pré-construído e se apresenta linguisticamente na forma de clichê. É a significação que prevalece, que lateja durante toda a leitura em pulsação contínua.

Brayner afirma que o desastre/fracasso do pensamento é expresso no uso do clichê. É o sujeito livre e submisso de que Orlandi (2009, p. 50) fala, um sujeito que pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua. Livre para retomar discursos prontos.

Referências

AMOSSY, Ruth; PIERROT, Ane Herschberg. *Estereotipos y Clichés*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

BRAYNER, Flávio Henrique Albert. O clichê: notas para uma derrota do pensamento: por uma consciência ingênua. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 39, n. 2, pp. 557-572, 2014.

BORBA, Livia Schleder de. A construção do leitor imaginário no discurso de blogs de autoajuda. *Ao pé da letra: Revista dos alunos da graduação em Letras*, Pernambuco, v. 12.2, pp. 107-125, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DE NARDI, Fabiele Stockmans de. *Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade: reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira*. 2007. Tese – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. A antiética da vantagem e do jeitinho na terra em que deus é brasileiro (o funcionamento discursivo do clichê no processo de constituição da brasilidade). In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1993. pp. 69-79.

HANAUER, Jeane Maria. Sexo seguro/voto seguro: a questão do sentido. In: INDURSKY, F., FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 1999, pp. 138-147.

LIMA, Pâmela da Silva. Reações ao anti-islamismo na Bélgica e no Brasil: autoria e anonimato no espaço virtual. *Ao pé da Letra. Revista dos alunos da graduação em letras*, Pernambuco, v. 14.1, pp. 71-90, 2012.

MILANEZ, Nilton; PRATES, Ciro. O estereótipo do monstro: uma discussão sobre a monstruosidade e sua representação social. In: X Colóquio Nacional e III Colóquio Internacional do Museu Pedagógico, Vitória da Conquista, 2013. *Produção do Conhecimento no limiar do século XXI: tendências e conflitos*. Vitória da Conquista: Museu Pedagógico, 2013.

MITTMANN, Solange. A economia informal em revista: desvendando as evidências. *Caderno de Letras*, Pelotas, v. 1, n. 6, pp. 119-127, 1997.

_____. Nem lá, nem aqui: o percurso de um enunciado. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 1999, pp. 271-277.

LYSARDO-DIAS, Dylia. A construção e desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira. *Stockholm Review of Latin American Studies*, Estocolmo, v. 2, pp. 25-35, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Vão surgindo sentidos. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1993, pp. 11-26.

_____. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2009.

PAES rebate jornal de Chicago. Rádio CBN. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2013/07/paes-rebate-jornal-de-chicago-estao-morrendo-de-inveja-do-rio.html>> Acesso em: 02 jun. 2014.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, São Paulo: Ed. Da UNICAMP, 1990.

STEINBERGER, Margarethe Born. *Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: EDUC, 2005.

STEINBERG, Neil. Dear International Olympic Committee. Disponível em: <<http://www.suntimes.com/news/steinberg/21485744-452/steinberg-dear-ioc-sorry-yet-on-rio-choice.html#.U96GWuM2yxk>> Acesso em: 02 jun. 2014.

STEINBERG, Neil. Chicago is totally jealous a horror. Disponível em: <<http://www.suntimes.com/news/steinberg/21545723-452/chicago-is-totally-jealous-a-horror.html#.U96GuuM2yxk>> Acesso em: 02 jun. 2014.

WE lost to this? *Chicago Sun-Times*. 24/7/2013. Disponível em: <http://www.assisnews.com.br/wp-content/uploads/2013/07/Capa-Chicago-Sun-Times-Foto-Reproducao_LANIMA20130725_0137_26.jpg> Acesso em: 02 jun. 2014.